

A FORMAÇÃO DO SER OMNILATERAL E A CULTURA CORPORAL

José Pereira de Sousa Sobrinho
Betânia Moreira de Moraes
Danielle Sampaio Albuquerque
Rafael Barbosa de Menezes
Niágara Vieira Soares Cunha

RESUMO

O artigo busca analisar o trabalho alienado como determinante na constituição do ser unilateral, na sociedade classista enfatizando a sociabilidade capitalista como sua forma mais complexa. Sob essa mesma determinação, analisamos a constituição do corpo alienado e do acesso à cultura corporal, como definitivo na existência do ser social em sua forma estranhada. Seguimos, apontando as contradições capitalistas na tendência à formação omnilateral: possibilidade que apenas se efetiva sob a eliminação do trabalho alienado, o qual conduz o ser social à sua existência integrada - ser intelectual e prático, pleno na apropriação da cultura corporal.

Palavras-chave: Omnilateralidade. Cultura corporal.

ABSTRACT

The article analyzes the alienated work as determinant in the constitution of unilateral being, in the classist society emphasizing the capitalist sociability as its more complex form. Under this determination, we analyzed the constitution of the alienated body and access at culture body, as definitive in existence of social being in its strange form. Then, indicating the capitalist contradictions in the tendency at formation omnilateral: possibility only becomes effective underneath the elimination of the alienated labor, which leads the social being to existence integrated - to be intellectual, practical, complete at appropriation of the culture body.

Key words: Omnilaterality. Culture Body.

RESUMEN

Lo artículo objetiva analizar el trabajo alienado como determinativo en la constitución del ser unilateral, en la sociedad representativa de clase enfatizando la sociabilidad capitalista como su forma más compleja. Bajo esta misma determinación, analizamos la constitución del cuerpo alienado y del acceso a la cultura corporal, como definitivo en la existencia del ser social en su forma extrañada. Seguimos, señalando las contradicciones capitalistas en la tendencia a la formación omnilateral: posibilidad que solamente se efectiva bajo eliminación del trabajo alienado, que conduce el ser social a su existencia integrada - ser intelectual y práctico, lleno en la apropiación de la cultura corporal.

Palabras clave: Omnilateralidade. Cultura Corporal.

Introdução

A educação, no seio da sociedade capitalista, constitui-se, em sua existência, cindida entre formação intelectual e formação manual, cumprindo, assim, seu papel no processo de reprodução desse modelo societário, fundado nas relações de dominação e exploração entre capital e trabalho. Contudo, a análise marxiana reflete sobre as possibilidades de superação desse modelo de produção da vida, explicitando que os antagonismos e as contradições são fabricados no próprio processo de reprodução do sistema – produção, circulação e consumo, de modo que, em conjunção ao avanço das capacidades produtivas e de desenvolvimento humano, forja-se o acirramento das contradições desse modelo societário.

A referida análise aponta, ademais, a formação do ser de classe como a constituição do ser unilateral. Todavia, Marx revelara a possibilidade de constituição do ser omnilateral como uma formação na qual seria possível o desenvolvimento das amplas capacidades do ser social, alicerçada no trabalho livre e associado.

Pretendemos neste presente artigo refletir sobre os elementos da análise marxiana apontados para a constituição do ser social e do ser omnilateral. Destacando, particularmente, as tendências contraditórias no interior da sociedade capitalista que refletem a possibilidade de constituição do ser omnilateral, assim como, a apropriação da cultura corporal como elemento constituinte do ser social e determinante para sua formação enquanto ser omnilateral.

1 Trabalho alienado e ser unilateral

Iniciamos a nossa análise recuperando que a escola tem sua gênese na sociedade de classe, na divisão entre a classe que executa o trabalho e a classe que o determina. Noutros termos, a educação escolar surge como a formação para a perpetuação do poder intelectual, político e material de uma classe sobre a outra. Na educação de classe está a emancipação da teoria pura, enquanto a formação para o trabalho permanece sendo realizada no e pelo trabalho.

A divisão do trabalho só surge efetivamente a partir do momento em que se opera uma divisão entre o trabalho material e intelectual. A partir deste momento, a consciência pode supor-se algo mais do que a consciência da prática existente, que representa o fato de qualquer coisa sem representar algo de real. É igualmente, a partir deste instante, que ela se encontra em condições de se emancipar do mundo e de passar à formação da teoria “pura”, da teologia, da filosofia, da moral, etc. [...] Pouco importa, de resto aquilo que a consciência empreende isoladamente, toda essa podridão tem um único resultado: os três momentos, constituídos pela força produtiva, o estado social e a consciência podem e devem necessariamente entrar em conflito entre si, pois através da divisão do trabalho torna-se possível aquilo que se verifica efetivamente: que a atividade intelectual e material, o gozo e o trabalho, a produção e o consumo, caibam a indivíduos distintos; então, a possibilidade de que esses elementos não entrem em conflito reside unicamente na hipótese de acabar de novo com a divisão do trabalho. (MARX, 2006, p. 548-9).

A escola, enquanto espaço de ócio, efetiva a formação do gênero humano fragmentado na educação pautada pela divisão entre quem executa o trabalho e quem pensa o trabalho. A fragmentação histórica do processo produtivo em que se constituíram as distintas classes efetiva-se, também, na educação voltada para as distintas classes, como a educação para desenvolvimento intelectual de uns e a educação para o trabalho manual de outros.

A distinção entre o ser pensante e o ser prático são duas esferas do mesmo ser social que se encontram partidas. Está apartada do homem a sua integralidade, as capacidades genuinamente humanas fundadas no trabalho, quais sejam: planejar, executar e consumir, apenas se realizam em seres distintos e antagônicos. A educação antagônica é uma educação *estrita*, restrita pela sua classe, *estrita* em sua essência, limita, portanto, o ser social pela ausência de sua totalidade. A classe mesmo efetiva-se como uma existência apartada do todo, um ser que carrega em-si apenas uma parte dessa totalidade do gênero humano. Efetiva-se, desse modo, o homem como um ser unilateral.

A realidade em seu incessante movimento contraditório nos aponta para o desenvolvimento das capacidades humanas de produção, que tem na divisão do trabalho e na conseqüente emancipação das teorias, das ciências puras, citadas por Marx, a origem do salto qualitativo no processo produtivo. No processo revolucionário burguês, forja-se a transição para a sociedade capitalista sob o domínio da classe burguesa.

No jugo desse processo de transição, que desembocou na forma social capitalista, engendra-se a complexificação da forma estranhada do trabalho humano. O estranhamento do trabalhador em relação ao outro atinge sua forma mais contraditória no seio da sociedade capitalista. O trabalhador que estranha o seu objeto, que continua alheio de si, agora passa a enxergar no resultado de seu trabalho apenas um valor de troca, e o objeto mesmo é uma mercadoria alienada, em sua existência fetichizada; efetiva-se o trabalho hierárquico e parcial. Na forma hierárquica de produção, o trabalhador está contra o trabalhador, a sua unidade de classe no trabalho está a favor daquele que está em posição oposta de sua classe. A própria capacidade produtiva antes de conhecimento do trabalhador, está alienada à produção, o seu próprio saber manual lhe é estranho. Na linha de montagem, o trabalhador parcial passa a exercer apenas uma função de máquina, não domina todo o processo produtivo, sua capacidade mesma lhe é estranha, portanto, o trabalhador estranha a si mesmo. Vê em si mesmo apenas o que o olhar estranhado do capitalista enxerga, ou seja, simples força de trabalho.

Para tal análise, interessa-nos aqui recorrer aos escritos marxianos de 1844 na passagem em que este descreve a produção manufatureira que antecede a própria indústria moderna:

O organismo coletivo que trabalha, na cooperação simples ou na manufatura, é uma forma de existência do capital. Esse mecanismo coletivo de produção composto de numerosos indivíduos, os trabalhadores parciais, pertence ao capitalista. A produtividade que decorre da combinação dos trabalhos aparece, por isso, como produtividade do capital. A manufatura propriamente dita não só submete ao comando e a disciplina do capital o trabalhador antes independente, mas também cria uma graduação hierárquica entre os próprios trabalhadores. Enquanto a cooperação simples, em geral, não modifica o modo de trabalhar do indivíduo, a manufatura o revoluciona inteiramente e se apodera da força individual de trabalho

em suas raízes. Deforma o trabalhador monstruosamente, levando-o, artificialmente, a desenvolver uma habilidade parcial, à custa da repressão de um mundo de instintos e capacidades produtivas, lembrando aquela prática das regiões platinas onde se mata um animal apenas para tirar-lhe a pele ou o sebo. Não só o trabalho é dividido e suas diferentes frações são distribuídas entre os indivíduos, mas o próprio indivíduo é mutilado e transformado no aparelho automático de um trabalho parcial, tornando-se, assim, realidade a fabula absurda de Menenius Agrippa que representa um ser humano como simples fragmentação de seu próprio corpo. Originariamente, o trabalhador vendia sua força de trabalho ao capital, por lhe faltarem os meios materiais para produzir uma mercadoria. Agora, sua força individual de trabalho não funciona se não estiver vendida ao capital. Ela só opera dentro de uma conexão que só existe depois da venda, no interior da oficina do capitalista. O trabalhador da manufatura, incapacitado, naturalmente, por sua condição, de fazer algo independente, só consegue desenvolver sua atividade produtiva como acessório da oficina do capitalista. O povo eleito trazia escrito na fronte que era propriedade de Jeová; do mesmo modo, a divisão do trabalho ferreteia o trabalhador com a marca de seu proprietário: o capital. (MARX, 2006, p. 415-6).

Conforme explicitado na citação acima, as capacidades humanas alienadas tornam-se abstratas. O trabalho aliena-se de toda sua capacidade qualitativa, torna-se simples capacidade produtiva, simples quantidade de tempo de trabalho em sua forma abstrata. Essa forma de trabalho parcial, que subsume o trabalho concreto, subsume o trabalhador ao capitalista. O trabalhador unilateral que se apropriava de parte do processo produtivo, a sua especialidade, percebe agora o seu conhecimento esfacelado em diversas partes ainda menores. A manufatura fragmenta todo o processo produtivo, o trabalhador atua agora na confecção de apenas parte do valor de uso total. O ato de trabalho, no qual o trabalhador exterioriza sua capacidade, passa a existir como uma atividade autômata, dissociado do todo. O próprio trabalhador tem o seu corpo fragmentado, tem a sua existência esfacelada no processo de trabalho: o homem surge como uma monstruosidade, um ser mutilado, um ser unilateral.

Em revista, no processo histórico de consolidação da sociedade capitalista o ser social é transformado. Este supera sua forma essencialmente feudal ao assimilar as formas históricas da organização da vida burguesa. O tempo social de trabalho surge como o meio de intercâmbio entre os diversos produtores independentes entre si, o valor de uso é subsumido ao valor de troca, a indústria moderna vê a sua forma embrionária na manufatura capitalista, a qual já possui, ainda que de forma desordenada, o modelo de organização da produção fabril. Mas apenas com a instalação da maquinaria moderna a vapor a indústria passa a caminhar em direção a sua atual forma. A exploração do trabalhador adquire formas extremas, a sua capacidade produtiva torna-se agora uma simples força motriz da máquina. A indústria moderna adentra a ciência e a subjugação à produção de valor transformando-a em força produtiva independente/dependente do trabalhador. Ou seja, independente da capacidade intelectual do trabalhador na produção da ciência, mas dependente de sua capacidade de trabalho força motriz da máquina. Todavia, as duas capacidades efetivam-se alheias ao trabalhador - a primeira expropriada a segunda alienada. A alienação do trabalhador traz o enriquecimento da

produção à custa da pobreza não só material do trabalhador, mas, também, espiritual/intelectual, pois como nos relata Marx:

O camponês e o artesão independentes desenvolvem, embora modestamente, os conhecimentos, a sagacidade e a vontade, como o selvagem que exerce as artes de guerra apurando sua astúcia pessoal. No período manufatureiro, essas faculdades passam a ser exigidas apenas pela oficina em seu conjunto. As forças intelectuais da produção só se desenvolvem num sentido, por ficarem inibidas em relação a tudo o que se não se enquadre em sua unilateralidade. O que perdem os trabalhadores parciais, concentra-se no capital que se confronta com eles. A divisão manufatureira do trabalho opõe-lhes as forças intelectuais do processo material de produção como propriedade de outrem e como poder que os domina. Esse processo de dissociação começa com a cooperação simples, em que o capitalista representa, diante do trabalhador isolado, a unidade e a vontade do trabalhador coletivo. Esse processo desenvolve-se na manufatura, que mutila o trabalhador, reduzindo-o a uma fração de si mesmo, e completa-se na indústria moderna, que faz da ciência uma força produtiva independente do trabalho recrutando-a para servir ao capital.

Na manufatura, o enriquecimento do trabalhador coletivo e, por isso, do capital em forças produtivas sociais realiza-se à custa do empobrecimento do trabalhador em forças produtivas individuais. (MARX, 2006, p. 416).

Os limites superados pelos conhecimentos socialmente acumulados adquirem para cada classe um único caminho: ao trabalhador está imposto o caminho da alienação do conhecimento do planejamento, organização e elaboração da totalidade do processo produtivo. A medida que esse processo adquire uma organização complexa e científica, o seu domínio por parte do trabalhador torna-se remoto. Em contrapartida, o trabalhador se apropria de um leque de conhecimentos científicos presentes no ato produtivo, mas o seu conhecimento engloba uma parcela sempre menor da totalidade do processo produtivo, ou seja, o trabalhador apropria-se sempre mais menos.

Destarte, a introdução da ciência no processo produtivo, aliada à luta organizada do movimento operário, tornou inevitável ao sistema capitalista a universalização do ensino: a educação universal que em seu caráter de classe percorre os caminhos de uma educação unilateral para ambas as classes; a educação intelectual que permite a apropriação dos conhecimentos científicos necessários para o processo de gestão social da produção, bem como o reduzido conhecimento científico necessário para o processo produtivo. A educação universal amplia as possibilidades produtivas presentes na práxis humana, elevando as contradições presentes no ser unilateral, onde o ser pensante está alienado do ser prático. O ser unilateral é a efetivação de uma existência parcial, na qual o desenvolvimento das capacidades humanas existe apenas uma a uma em cada ser isolado. As capacidades do espírito e do corpo, da criatividade e do gozo, da intelectualidade e da prática se desenvolvem sem limites como atos de trabalho isolados em diferentes seres sociais, ou seja, desenvolvem-se na verdade de forma limitada.

2 Ser unilateral e cultura corporal

O processo de concretização da sociedade capitalista, cujo momento nevrál está na concretização da manufatura, dá origem ao corpo fragmentado. Este vem efetivar-se enquanto corpo alienado na indústria moderna. A indústria capitalista concretiza o trabalhador enquanto ser alheio ao domínio das técnicas tanto de planejamento e gestão intelectual da produção, assim como alheio ao domínio sobre a própria cultura corporal de trabalho em sua totalidade, que é fragmentada, esfacelada em conhecimentos mínimos. Confirma-se, assim que a

deformação física e espiritual é inseparável mesmo da divisão do trabalho na sociedade. Mas, como o período manufatureiro leva a muito mais longe a divisão social do trabalho e também, com sua divisão peculiar, ataca o indivíduo em suas raízes vitais, é ele que primeiro fornece o material e o impulso para a patologia industrial. “Subdividir um homem é executá-lo, se merece a pena de morte; é assassiná-lo, se não a merece. A subdivisão do trabalho é o assassinato de um povo”. (MARX, 2006, p. 418-9).

Contudo, entendemos com Marx que a existência unilateral do trabalhador efetiva-se não apenas no ato de trabalho esfacelado, no qual o trabalhador concretiza o ato de trabalho como uma repetição autômata de gestos técnicos. Mas a existência unilateral efetiva-se na própria existência da propriedade privada dos meios de produção, já que:

A propriedade privada nos fez cretinos e unilaterais que um objeto somente é o *nosso* [objeto] se o temos, portanto, quando existe para nós como capital ou é por nós imediatamente possuído, comido, bebido, trazido em nosso corpo, habitado por nós etc., enfim, *usado*. Embora a propriedade privada apreenda todas estas efetivações imediatas da própria posse novamente apenas como meios de vida, e a vida, à qual servem de meio, é a vida da *propriedade privada*: trabalho e capitalização.

O lugar de todos os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado, portanto, pelo simples estranhamento de todos esses sentidos, pelo sentido do ter. A esta absoluta miséria tinha de ser reduzido a essência humana, para com isso trazer para fora de si sua riqueza interior. (MARX, 2004, p. 108-9).

Consentâneo, na análise marxiana, a existência unilateral efetiva-se no próprio trabalhador que está alheio ao domínio dos bens materiais e intelectuais necessários ao consumo e à produção da cultura corporal. O trabalhador está, portanto, alienado da possibilidade de novas objetivações no campo da cultura, em particular, no campo da cultura corporal. A circulação da cultura perpassa a lógica capitalista de circulação, que o transforma em valor de troca, quase que inacessível à classe trabalhadora.

Na educação *estrita*, que é a educação de classes, a cultura corporal concretiza-se como conteúdo da educação física – conhecimento acessível a uma minoria pertencente à classe burguesa; uma educação física que reduz ao mínimo o acesso ao conhecimento do acervo da cultura corporal. Uma educação corporal restrita pelas leis sociais que determinam a formação de um ser unilateral capaz de exercer domínio

apenas autômato de seus próprios gestos de trabalho e da cultura, um ser unilateral que consome uma cultura corporal-mercadoria, expropriada de sua classe – a educação física que na escola socializa uma cultura corporal ausente de sua totalidade histórica e social, fragmentada em sua essência, uma cultura corporal alienada de seu elemento consciente-livre, autônomo e criativo.

Portanto, a existência do ser unilateral se efetiva também no espaço de não-trabalho, no ser alienado quanto ao acesso à produção, ao consumo e ao domínio sobre a circulação da cultura corporal. A constituição histórica do processo de socialização dos conteúdos da cultura corporal na escola efetiva a relação fetichizada em relação à própria cultura corporal, ao constituir o aluno como um ser reproduzidor/repetidor de gestos que lhe são passados como externos e alienados ao homem. Os conteúdos da cultura corporal são repassados no processo ensino-aprendizagem como detentores de uma gênese independente e exterior à história humana. Tal caráter predominante na aula de educação física (re)produz um corpo unilateral, do trabalhador incapaz de refletir intelectualmente sobre a sua cultura, sobre o seu corpo, sobre si mesmo enquanto ser social.

Contudo, o corpo do ser social não se concretiza apenas nas aulas de educação física, mas em todo o processo educacional presente na escola. Eis o processo de aprendizagem de técnicas de leitura e de escrita presentes na constituição do próprio corpo, como nos aponta Saviani (1992, p. 27), ao afirmar que na aprendizagem de tais técnicas é necessário uma fixação de “certos automatismos, incorporá-los, isto é, integrá-los em nosso próprio corpo, de nosso organismo, integrá-los em nosso próprio ser.”

À leitura e a escrita citadas por Saviani, acrescentamos a apropriação da cultura corporal que permeia as aulas de educação física na escola. Todavia, tal processo de automatização citado pelo autor não deve estar ausente do elemento intelectual, não se trata de um automatismo mecânico do ser reproduzidor, mas se trata do automatismo necessário ao domínio do conhecimento historicamente produzido. O ser que domina tal conhecimento seja este o ato de ler ou um gesto ginástico, capaz de refletir sobre essa técnica presente em uma existência social repleta de significados que são históricos. Ou seja, trata-se do domínio de um automatismo que passa anteriormente pelo domínio intelectual e consciente do conteúdo, elementos historicamente ausentes nas aulas de educação física, dispensadas à classe trabalhadora na educação em seu caráter de classe.

A educação em seu caráter amplo constitui a cultura corporal ainda presente de elementos de criatividade e liberdade, onde a socialização do conhecimento se concretiza além dos restritivos muros do ambiente escolar, no qual a cultura corporal é criada e recriada nos mais distintos espaços urbanos e rurais da sociedade de classes. E esta surge repleta de signos de resistência e transformação os quais se confrontam com signos que permeiam a adaptação e a continuidade de uma realidade contraditória, que expressa modelos contraditórios de cultura, o qual tem sua gênese na contradição de classe presente no seio da sociedade capitalista. Portanto, a cultura corporal é uma forma de linguagem na qual também está expressa a própria luta de classes e seu modelo *estrito* de socialização está sobre o domínio histórico da classe dominante, enquanto na educação corporal em seu sentido totalizante ainda permeiam histórias de resistência e conflito perante a lógica hegemônica do capital.

A educação cultural partícipe da constituição do ser social, em sua individualidade e universalidade, possibilita uma síntese concreta, que autoriza a permanente objetivação do novo, a formação de novas culturas, nova linguagens, novos símbolos e valores – o permanente anseio humano pela constituição de um dever-ser, a

formação do ser social qualitativamente superior, um novo ser, que se patenteia na produção cultural, na produção de uma nova e contraditória cultura corporal.

3 Trabalho alienado e a tendência ao ser omnilateral

Mesmo em seu caráter alienado está no trabalho a possibilidade da riqueza universal dos homens. Em outras palavras, o sistema do capital é o demiurgo involuntário desse processo ao aspirar sem descanso à forma universal de riqueza, ao que impele, segundo Marx, o trabalho “para além dos limites de sua necessidade e cria, assim, os elementos materiais para o desenvolvimento da individualidade rica, que é omnilateral tanto em sua produção quanto em seu consumo.” (Marx apud Manacorda, 2000, p. 81).

Marx nos aponta, em seus escritos, para uma existência humana superior, na qual o ser social encontra-se repleto em sua totalidade e as diversas capacidades humanas se efetivam no homem. O ser intelectual e o ser prático, o trabalho e o gozo, o pensar e o fazer não se separam, pois visam a formação de um ser detentor de diversas capacidades, possibilidades ilimitadas, para o trabalho e para o espírito. Contraditoriamente, na sociedade capitalista estão presentes as possibilidades que levam ao desenvolvimento de uma totalidade humana, ao elevar a um nível superior o conjunto de capacidades intelectuais e produtivas da sociedade. A sociedade capitalista impõe ao trabalhador explorado a superação de sua capacidade especializada de trabalho e apropriação de novas habilidades de acordo com as possibilidades de venda da sua força de trabalho. A sua capacidade de trabalho como único meio de subsistência deve ser mutante, atendendo às transformações tecnológicas presentes na sociedade capitalista. Portanto, o modo de produção do capital, ao revolucionar incessantemente a sua base produtiva, carrega em si a tendência a constituição do ser omnilateral, pois como nos afirma Marx:

Por meio da maquinaria, dos processos químicos e dos outros modos, a indústria moderna transforma continuamente, com a base técnica da produção, as funções dos trabalhadores e as contribuições sociais do processo de trabalho. Com isso, revoluciona constantemente a divisão do trabalho dentro da sociedade e lança ininterruptamente massas de capital e massas de trabalhadores de um ramo de produção a outro. Exige, por sua natureza, variação do trabalho, isto é, fluidez das funções, mobilidade do trabalhador em todos os sentidos. Entretanto, reproduz em sua forma capitalista a velha divisão do trabalho, com suas peculiaridades rígidas. [...] essa contradição absoluta elimina toda a tranqüilidade, solidez e segurança da vida do trabalhador, mantendo-o sob ameaça constante de perder os meios de subsistência, ao ser-lhe tirado das mãos o instrumental de trabalho, de tornar-se supérfluo, ao ser impedido de exercer sua função parcial; como essa contradição se patenteia poderosa na hecatombe ininterrupta de trabalhadores, no desgaste sem freio das forças de trabalho e nas devastações da anarquia social. Isto é o aspecto negativo. Mas, se a variação do trabalho só se impõe agora como uma lei natural que encontra obstáculos por toda a parte, a indústria moderna, com suas próprias catástrofes, torna questão de vida ou morte reconhecer como lei geral e social da produção a variação dos

trabalhos e, em consequência, a maior versatilidade, possível do trabalhador, e adaptar as condições à efetivação normal dessa lei. Torna questão de vida ou morte substituir a monstruosidade de uma população operaria miserável, disponível, mantida em reserva para as necessidades flutuantes da exploração capitalista, pela disponibilidade absoluta do ser humano para as necessidades variáveis do trabalho; substituir o indivíduo parcial, mero fragmento humano que repete sempre uma operação parcial, pelo indivíduo integralmente desenvolvido, para o qual as diferentes funções sociais não passariam de formas diferentes e sucessivas de sua atividade. (MARX, 2006, p. 551-2).

Como exposto na citação apresentada, a análise marxiana nos revela o ser omnilateral como uma tendência presente na classe trabalhadora, como uma possibilidade existente em seu ser-em-si, fato contraditório e historicamente constituído no processo de formação da classe trabalhadora no seio da sociedade capitalista. Contudo, a efetivação do ser omnilateral, na qual as capacidades universais se desenvolvam universalmente, não passa apenas pelo desenvolvimento multilateral das diversas capacidades de trabalho do ser social, mas passa pelo desenvolvimento universal da mente e do corpo humanos, em todos os seus sentidos e capacidades, pois a fruição do ser em sua essência omnilateral é a fruição do homem total. Como nos descreve Marx:

O homem se apropria da sua essência omnilateral de uma maneira omnilateral, portanto como um homem total. Cada uma das suas relações *humanas* com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos da sua individualidade, assim como os órgãos que são imediatamente em sua forma como órgãos comunitários, são no seu comportamento *objetivo* ou no seu *comportamento para com o objeto* a apropriação do mesmo, a apropriação da efetividade humana; o seu comportamento para com o objeto é o acionamento da efetividade humana; (por isso ela é precisamente tão múltiplice (*vielfach*) quanto múltiplas são as *determinações essenciais e atividades humanas*), *eficiência* humana e *sofrimento* humano, pois o sofrimento, humanamente apreendido, é uma autofruição do ser humano. (MARX, 2004, p. 108).

Para tanto, a divisão social do trabalho, entre trabalho manual e intelectual, deve ser suprimida de todas as relações humanas. O trabalho deve ser emancipado de sua forma histórica alienada, com a superação da relação de submissão entre trabalho concreto e sua forma abstrata, e o conseqüente domínio do capital sobre o trabalho. Portanto, o percurso em direção à consumação do ser omnilateral passa necessariamente pela supressão de toda forma de propriedade privada dos meios de produção. Está exatamente neste ato histórico o início da conquista da emancipação do trabalho, já que a

supra-sunção da propriedade privada é, por conseguinte, a emancipação completa de todas as qualidades e sentidos humanos; mas ela é esta emancipação justamente pelo fato desses sentidos e propriedades terem se tornado humanos, tanto subjetiva quanto objetivamente. (MARX, 2004, p. 109).

A constituição omnilateral do ser social efetiva-se no processo de supressão da apropriação privada das riquezas socialmente constituídas, que passam a ser propriedade universal dos homens. Ou seja, as coisas passam a ser apropriadas como o que realmente são em sua essência, apenas trabalho exteriorizado, natureza transformada em natureza humanizada. Os meios de definição do que produzir, de como produzir, e o domínio intelectual de todo o processo produtivo passa a ser controlado pelos trabalhadores associados. A distinção entre o ser prático e o ser pensante, ou seja, a separação entre trabalho intelectual e manual é superada quando as comunidades de homens iguais, com distintas capacidades, passam à gestão consciente de todo o processo de produção, de circulação e de consumo das riquezas sociais.

Os homens já não se encontram alienados de seu poder social e, de sua posse, podem se desenvolver em sua totalidade, constituir novas objetivações de forma ilimitada como propriedade social. As diversas capacidades de trabalho, as habilidades multilaterais devem ser desenvolvidas para atender às distintas necessidades coletivas, assim como possibilitar um amplo desenvolvimento do ser social. Portanto, o seu desenvolvimento omnilateral se efetiva na superação dos limites impostos pela sociedade de classes para o seu amplo desenvolvimento intelectual. Os membros da comunidade humana, ao terem o domínio consciente do processo intelectual de planejamento e organização da produção, assim como o domínio intelectual do processo de execução da produção em si, constituem uma totalidade do ser social, efetivam o ser omnilateral em sua essência. O ser social se auto-constrói como o sujeito consciente de sua história. Todas as definições e as decisões alienadas da comunidade humana retomam a sua origem ao retornar às mãos dos próprios homens. É superada toda forma de poder alienada dos homens, já que em uma sociedade comunista:

Os instrumentos de opressão governamental e da dominação sobre a sociedade se fragmentarão graças a eliminação dos órgãos puramente repressivos, e ali, onde o poder tem funções legítimas a cumprir, estas não serão cumpridas por um organismo situada acima da sociedade, mas por todos os agentes responsáveis desta mesma sociedade. (ENGELS, 1976, p. 94).

Assim, na formação omnilateral do ser social surge a constituição do homem em todas as suas capacidades, das quais esteve historicamente expropriado, ou seja, um ser repleto em sua totalidade. A superação dos limites históricos permite ao ser social apropriar-se de um vasto conteúdo intelectual. A ciência que se emancipou do trabalho, agora se emancipa do ócio alienado. As ciências apropriadas universalmente pelo ser social são os instrumentos necessários para a realização de sua omnilateralidade tanto nos atos de trabalho, assim como nos atos de não trabalho. Ao homem está dada a possibilidade de exercitar e desenvolver as suas diversas capacidades de forma livre, já que o trabalhador já não é determinado pela produção, mas a produção é que é determinada pelo trabalhador. Eis o reino da liberdade:

Na sociedade comunista, porém, onde cada indivíduo pode aperfeiçoar-se no campo que lhe aprouver, não tendo por isso uma esfera de atividade exclusiva, é a sociedade que regula a produção geral e me possibilita fazer hoje uma coisa, amanhã outra, caçar de manhã, pescar à tarde, pastorear à noite, fazer crítica depois da refeição, e tudo isto a meu bel-prazer, sem por isso me tornar exclusivamente caçador, pescador ou crítico. (MARX, 1976, p. 17).

As possibilidades alusivas ao tempo livre apontadas por Marx na citação acima apresentam-nos a educação do ser omnilateral, na qual todos os espaços de organização da vida sejam o tempo livre, ou simples organização das atividades principais a serem executadas. Ela prepara o gênero humano ao auto-reconhecimento de sua totalidade, na qual o ser social em sua auto-organização coletiva é o sujeito definidor de todos os momentos da reprodução da vida.

Assim estarão presentes as possibilidades do desenvolvimento do ser tanto para os espaços de trabalho, como para as possibilidades de gozo nos momentos de não trabalho, na sociedade em que cada indivíduo trabalhará de acordo com suas capacidades e terá tudo quanto necessitar de acordo com suas necessidades. Assim nos descreve Marx (1980, p. 214-5):

Na fase superior da sociedade comunista, quando houver desaparecido a subordinação escravizadora dos indivíduos à divisão do trabalho e, com ela, o contraste entre o trabalho intelectual e o trabalho manual; quando o trabalho não for somente um meio de vida, mas a primeira necessidade vital; quando, com o desenvolvimento dos indivíduos em todos os seus aspectos, crescerem também as forças produtivas e formarem em caudais os mananciais da riqueza coletiva, só então será possível ultrapassar-se totalmente o estreito horizonte do direito burguês e a sociedade poderá inscrever em suas bandeiras: de cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades.

A concretização do ser integral, sobre o domínio consciente de seu corpo, perpassa o domínio sobre a própria cultura corporal. Um ser que não se distingue entre pensante e ser prático, mas um ser que se efetiva como um ser pensante capaz de efetivar a prática, um ser total em sua práxis, detentor de todos os seus sentidos em sua essência, da possibilidade de desenvolver as capacidades, as possibilidades inerentes aos sentidos que são humanos e constituídos pelo homem, mas apenas socialmente os homens podem desenvolvê-los. Só então:

O olho que se tornou olho humano, da mesma forma como o seu objeto se tornou um objeto social, humano, proveniente do homem para o homem. Por isso, imediatamente em sua práxis, os sentidos se tornaram teóricos. Relacionam-se como a coisa por querer a coisa, mas a coisa mesma é um comportamento *humano objetivo* consigo próprio e com o homem, e vice-versa. Eu só posso, em termos práticos, relacionar-me humanamente com a coisa se a coisa se relaciona humanamente com o homem. A carência ou a fruição perderam, assim, a sua natureza egoísta e a natureza a sua mera

utilidade (*Nützlichkeit*), na medida em que a utilidade (*Nützen*) se tornou utilidade humana.

Da mesma maneira, os sentidos e o espírito do outro homem se tornaram a minha apropriação. Além destes imediatos formam-se, por isso, órgãos sociais, na forma da sociedade, logo, por exemplo, a atividade em imediata sociedade com outros etc., tornou-se um órgão da minha *externação* de vida e um modo da apropriação da vida *humana*. (MARX, 2004, p. 109).

As capacidades humanas que são distintas entre si e se efetivam em cada individualidade única do ser já não são apropriadas pelo outro. A efetivação integral do ser concretiza-se na fruição das diversas capacidades humanas, que são sociais, e constituem uma totalidade ampla. A sua utilidade não é individual, mas humana e coletiva. Ela se constitui na contribuição da realização da totalidade do ser social, que se confirma na livre e consciente organização dos trabalhadores associados – aos trabalhadores associados detentores do domínio da produção material da vida, assim como da produção da ciência e da cultura.

A socialização dos elementos materiais e intelectuais é necessária para uma lógica qualitativamente distinta de produção cultural. Ela formula o consumo não apenas como um simples ter individual, mas ao tornar cada produto individualmente produzido um produto social, acaba por transformar o consumo em-si, este já não surge como o simples adquirir, mas concretiza-se como o existir e usufruir do objeto em-si, individualmente e com o outro homem. Já que, o homem que é um ser essencialmente social em sua produção também o é em seu consumo. O consumo socialmente determinado e o consumo da cultura apenas efetivam-se socialmente - somente os homens em contato com os outros podem produzir e consumir a cultura corporal. Mas o consumo de cultura não se separa da produção da cultura, elimina-se a possibilidade do simples consumidor-espectador, elimina-se a existência da cultura corporal-mercadoria.

Considerações Finais

Conforme análise empreendida, o ser unilateral se efetiva como uma determinação da sociedade de classes, uma ser partido na divisão social do trabalho entre trabalho manual e intelectual. A existência unilateral que se complexifica na sociedade capitalista, aprofunda a expropriação da classe trabalhadora do acesso ao controle do processo de produção e reprodução da vida. O trabalho alienado como fonte de idiotização do trabalhador.

Contraditoriamente, no desenvolvimento das capacidades de produção da sociedade capitalista está a possibilidade de superação desse modelo de organização da vida. A organização dos livres trabalhadores associados, que deve ser soerguida a partir da eliminação da propriedade privada dos meios de produção e do trabalho alienado. A expropriação dos expropriadores como o passo inicial para a efetiva construção de uma sociedade qualitativamente distinta.

A existência dessa nova sociabilidade concretiza e pode vir a conduzir o ser social ao desenvolvimento de suas amplas possibilidades criativas. A cultura como um todo, assim como a cultura corporal, passaria a ter a sua circulação sobre o domínio consciente dos trabalhadores, o que concretiza as possibilidades de desenvolvimento das capacidades humanas serem distribuídas entre todos os membros dessa sociabilidade. A cultura, assim como a cultura corporal, como meio para *externação* do ser, meio de

socialização de uma humanização repleta de significados, passa por uma existência livre, criativa e produtiva de valores de uso e cultura. Portanto, o ser omnilateral concretiza-se na apropriação de uma constante reinventar da cultura e de si mesmo. O acervo da cultura corporal, como um conteúdo historicamente constituído, deve ser re-significado: jogos, esportes, danças, lutas, mímicas, artes circenses, etc., como valores historicamente constituídos devem ser re-significados na cultura sobre o domínio dos trabalhadores, em um contexto de uma práxis social que deve ser pautada por distintos valores, costumes, habilidades e domínio da técnica. Ou seja, toda uma nova cultura corporal deve ser reconstituída a partir da existente, a negação da negação, que se efetiva na continuidade no interior da descontinuidade. Como nos aponta Mészáros (2002), diversas revoluções no interior da revolução concretizam uma nova cultura que é efetivada e efetivadora de um novo homem, em um processo de co-determinação que apenas é possível a partir da apropriação da cultura em sua essência realmente social.

Como exposto, o ser omnilateral se concretiza ao constituir um amplo conhecimento e capacidade de efetivação de uma práxis social nos espaços de trabalho e de não-trabalho. Um amplo domínio das capacidades culturais e da cultura corporal é imprescindível para a existência omnilateral do ser. Marx compreende isso em sua análise ao apontar a educação corporal como elemento imprescindível para a constituição do ser omnilateral. Contudo, ao apontar a ginástica como o conteúdo da educação corporal, o filósofo alemão refere-se a uma afirmação histórica de um momento de desenvolvimento da sociedade capitalista no qual a educação física ressurgiu na escola e se restringia aos conteúdos ginásticos militares. Portanto, os conteúdos da cultura corporal, dos quais a educação física trata na escola são bens mais amplos, e são estes conteúdos que devem estar presentes na educação omnilateral, existente na sociedade emancipada, na escola comunista.

É justamente na educação em seu caráter totalizante, no qual está presente a possibilidade de amplo desenvolvimento de novas objetivações humanas no campo da cultura corporal, que é possível o desenvolvimento das potencialidades infinitas de desenvolvimento do ser social, também no campo da cultura corporal. A efetivação de um novo homem, de um ser social qualitativamente distinto passa pela sua existência omnilateral, pelo seu domínio e produção multilateral das diversas possibilidades da cultura corporal – o que é possível em uma sociedade para além do capital.

Referências Bibliográficas

ENGELS, Friedrich. In: Karl Marx e Friedrich Engels. Obras Escolhidas. São Paulo, Alfa-Ômega, Vol. 1980.

MANACORDA, Mario Alighiero. Marx e a Pedagogia Moderna. São Paulo: Cortez, 2000.

MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. A ideologia alemã. Marx & Engels. In: Textos sobre educação e ensino. São Paulo: Editora Moraes, 1976b.

MÉSZÁROS, István. Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição. Tradução Paulo César Castanheira e Sergio Lessa – 1º edição, São Paulo: Boitempo, 2002.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: as primeiras aproximações. 6. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

Av. General Osório de Paiva, 1811. Vila Peri. Fortaleza-CE, CEP: 60.720-001.
jpssobrinho@yahoo.com.br. DATA SHOW.

